

A mulher além de todo o papel

Gabrielle Vívian Bittelbrun*



Artigo recebido em:
18 de abril de 2010
Aprovado em:
9 de setembro de 2010

* Jornalista,
Mestranda pelo
Programa de Pós-
Graduação em
Jornalismo, da
Universidade Federal
de Santa Catarina
(UFSC).

gabivibi@yahoo.com.br

“A linguagem diz as coisas e a imprensa feminina diz a mulher” (p. 11). Foi com suas impressões, em uma leitura particular, que Dulcília Buitoni deu continuidade à intenção de desvendar a mulher por meio de elementos da imprensa feminina brasileira desde os anos 1880. O livro proveniente de uma tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo (USP), no início da década de 1980, extrapolou a área de teoria literária e literatura comparada, em que se concentrava, esbarrando em aspectos de um tipo de jornalismo, e culminou com uma segunda edição de “Mulher de papel” revista, atualizada e ampliada.

A obra lançada em 2009, quase trinta anos após sua primeira versão, comprova a atualidade do tema reforçada ainda pelo acréscimo de dois capítulos e novas percepções sobre as publicações destinadas às mulheres. Desse modo, Buitoni apresenta um panorama cronológico que prevê a análise de articulações, estereótipos e mesmo aspectos ideológicos que permeariam a imprensa feminina desde o século XIX até a atualidade, lançando mão, para tanto, de autores como Roland Barthes na concepção do mito, além de utilizar semiologia, linguística e teoria literária.

Assim, Buitoni estabelece um quadro de referência, apontando desde os primórdios da imprensa feminina no Brasil, com o periódico carioca “O Espelho Diamantino”, de 1827, como o primeiro a dedicar um espaço de interesse das mulheres. A esse, segue-se uma série de jornais e revistas que sugeririam o direcionamento para o público feminino, tais como “Jornal das Senhoras” (1852-1855), “O Espelho” (1889-1860), “A Primavera” (1861) e “Bello Sexo” (1862). Mas é a partir de periódicos da década de 1880 que Buitoni destaca textos representativos para “exemplificar a ideologia da época sobre a mulher” (p. 35), como o artigo “O eterno feminino”, de 1886, publicado na “Revista Ilustrada”.

Se a imprensa feminina do século XIX, segundo a autora, era notadamente tradicional, ao não permitir a liberdade de ação fora do lar e engrandecer as virtudes domésticas, sendo raras as exceções com ênfase na educação e nos direitos do gênero; as revistas de variedades e ilustradas que despontavam no início do século XX, como “A Revista da Semana” (1901) e “Fon-Fon” (1907), não dedicariam muito espaço aos assuntos propriamente femininos, ainda restritos a pequenos jornais de curta existência.

Segundo “Mulher de papel”, a primeira revista feminina mais completa e fiel às mulheres, como público, seria a “Revista Feminina” (1914-1935), que, fundada por Virgilina de Sousa Salles, trazia um número maior de páginas, seções tradicionalmente femininas, como moda, contos, beleza, etc., além de



defender os direitos da mulher e apresentar um intercâmbio com as leitoras, antecipando tendências.

Não se deixa de considerar, no livro em destaque, traços da imprensa brasileira, em geral, que se consolidava com o aprimoramento das reportagens e com o lançamento de publicações como “Diário de São Paulo” (1929) e a revista “O Cruzeiro” (1928), sendo esta última um grande sucesso nos anos 1930. Já na década seguinte, as revistas femininas e de variedades brasileiras confeririam grande espaço ao cinema hollywoodiano, bem como ao psicologismo que propunha modelos de comportamento, como destaca Buitoni ao analisar o texto “Que mulher é você” (p. 91), de 1947, da “Grande Hotel”, revista precursora na publicação de fotonovelas no país.

Na revista “Capricho”, lançada em 1952, pela Editora Abril, a fotonovela seria a responsável por recordes de tiragem no segmento feminino, propagando, por décadas, os ideais de juventude e a valorização dos cuidados com o corpo, reforçados ainda pelos anúncios publicitários e pelas reportagens que viriam em “Claudia”, de 1961, e em uma série de publicações que se seguiriam, como “Vogue”, “Carícia”, “Mais” e “Nova”, da década de 1970 e “Boa forma”, “Ana Maria”, da década de 1990, consolidando o sucesso das revistas femininas como fatia do mercado editorial brasileiro.

Depois de delimitá-la como um processo, Buitoni faz considerações quanto à imprensa feminina do Brasil, ao constatar um jornalismo interpretativo que, contendo entrevistas e opiniões de especialistas, pertence à linha do diversional, na medida em dá vazão a temáticas do cotidiano da leitora, como moda, beleza, comportamento. Para a autora, a efemeridade dos temas e a pouca ligação com a atualidade nas publicações têm uma carga ideológica que atribui às mulheres uma posição acomodada na sociedade e, à revelia da exaltação dos ideais modernos nesses veículos, reforçam-se estereótipos e papéis femininos básicos, de dona de casa, esposa, mãe.

Ainda segundo Buitoni, a linguagem coloquial e dirigida diretamente à leitora, em um tom de “intimidade de amiga” (p. 191) que sempre caracterizou esse tipo de imprensa, contribui para cristalizar as opiniões propostas, promovendo a manutenção dos padrões que relegam às mulheres uma constante posição de subordinação, potencializada ainda, na atualidade, pelos referenciais de beleza e consumo.

Desse modo, nota-se que a autora de “Mulher de papel” fornece não apenas uma visão panorâmica das revistas e periódicos destinados às mulheres, mas também uma análise que sugere representações e aponta para a pouca alteração nos sentidos propostos pela imprensa feminina. No entanto, talvez haja a possibilidade de evolução desse tipo de jornalismo, ao menos enquanto houver questionamento, como este proposto por Buitoni, ou enquanto a mulher real estiver além da mulher “embalagem, feita com carne, osso e silicone” (p. 212), encontrada com frequência atualmente, no papel.

Referências bibliográficas

BUITONI, Dulcília Shroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. 2^a. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009. 239p.